

Sarney diz que atos de protesto hoje são ilegítimos

BRASÍLIA — O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), condenou ontem as manifestações feitas por entidades sindicais contra o presidente Fernando Henrique Cardoso nos últimos dias. Sarney disse que as manifestações, quando são espontâneas, têm legitimidade; caso contrário, acabam se tornando estranhas:

— Eu lidei no meu Governo com 12.600 greves e acho que elas são normais. Mas hoje existe um sistema democrático e essas manifestações se tornaram um pouco fora de moda porque numa sociedade democrática as pessoas podem se manifestar de uma maneira bem mais elevada. Acho que há manifestações legítimas, mas, quando se vê um conflito construído com uma finalidade, ele está se baseando num modelo antigo.

Apesar disso, Sarney acha que hoje existem menos dificuldades para se governar do que no seu tempo:

— Naquela época, havia entulho autoritário, uma constituinte para cuidar.

Para Sarney, as primeiras dificuldades enfrentadas pelo Governo dentro do Congresso na tentativa de aprovar as reformas são naturais:

— O Governo hoje tem que se acostumar com a realidade de lidar com um Congresso funcionando, querendo atuar. Hoje há um Congresso que deseja se afirmar e ele não pode ser apenas sancionador — disse.

Sarney acredita que o processo do uso exagerado de MPs pelo Governo para exercer sua administração também está no final:

— A exaustão do processo das MPs é uma evidência. Nós estamos estudando o assunto para apresentar uma proposta ao Governo.

● **MANIPULAÇÃO** — O prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, afirmou ontem que as manifestações de rua contra o presidente Fernando Henrique “são fatos de pura manipulação política”. Para Vasconcelos, o crédito que o presidente tem junto à opinião pública ainda é muito grande. Segundo Vasconcelos, o povo tem consciência de que estão tentando desgastar a imagem do presidente. “Quem apostar nisso neste momento vai se desgastar. O povo não quer confusão, quer soluções e vai aguardar a resposta do Governo com paciência. É muito cedo para que uma oposição sistêmica ao presidente feita desta forma tenha ressonância popular”, disse.

25 MAR 1995

O GLOBO